

O retorno do pai eterno

Acaba de chegar às livrarias **Um erro emocional**, aguardado romance de Cristovão Tezza, nome que está no topo da literatura nacional

Schneider Carpegiani
carpegiani@gmail.com

“Como esse homem vai superar tudo isso, meu Deus?” Não dava para pensar/suspirar outra coisa diante da imagem oprimida de Cristovão Tezza encurralado por um paredão de repórteres, em 2008, durante a entrega do Prêmio Portugal Telecom. Seu romance **O filho eterno** acabara de ganhar mais um prêmio para se juntar ao batalhão já arrebatado naquele ano. De professor universitário e escritor discreto, e residente na muito discreta Curitiba, Tezza se tornou a celebridade maior na cadeia alimentar da literatura brasileira, a ponto de ironizar o duplo sucesso de público e crítica. “Eu sou o pai eterno”, brincou na ocasião.

O caos ainda o acompanha, mesmo dois anos depois. Acaba de chegar às livrarias **Um erro emocional**, romance escrito no caos do sucesso sobre o caos amoroso, refletindo, claro, o caos de vozes, desejos e recalques que parece ser elemento decisivo da nossa forma de ver e interagir com o mundo. E repetir tamanhas vezes a palavra “caos” não foi um erro de digitação, nem emocional, apenas a necessidade de se aproximar do que

um conto. Depois de **O filho eterno** escrevi uma série de contos com uma personagem feminina (primeiro Alice, depois Beatriz) e outros com um escritor de sobrenome Donetti. Num dos projetos de conto, justamente **Um erro emocional**, percebi que tinha diante de mim um romance, uma história mais longa, a partir de uma trama mínima, um breve encontro entre o escritor e sua leitora”, lembrou Tezza.

Assim nasceu o romance, escrito meio que aos pedaços, sempre que o escritor conseguia, entre um

simples e complicadíssimo – escrever sobre a aproximação amorosa não é fácil, justamente por ser o assunto mais comum do mundo. O que eu quis trabalhar são os silêncios da dança amorosa, a densa solidão compartilhada por pessoas que se aproximam pelo afeto. Não pensei propriamente em complicar ou simplificar – do ponto de vista estilístico, **Um erro emocional** radicaliza alguns processos de linguagem que já estão nos meus livros anteriores, **O fotógrafo** e **O filho eterno**. É o velho narrador onisciente que conta a história, mas ele só é onisciente com um ou outro personagem – nunca com os dois ao mesmo tempo. Isso cria passagens sutis de um ponto de vista a outro”, aponta o autor.

O livro é emblemático logo em suas primeiras linhas: temos o diagnóstico antes da doença. O narrador se confessa vítima (e cúmplice, por que não?) de um erro emocional, para depois revelar que está apaixonado. Mas as paixões, assim como ficou combinado, não estariam além de vontades e desejos? Então, como se desculpar de um erro que nenhuma das partes envolvidas pensou em cometer? Tezza quer complicar ainda mais o que já estávamos acostumados a aceitar. E se diverte com is-



vimos Tezza atravessar até o lançamento do novo livro.

A entrevista com Tezza sobre **Um erro emocional** foi realizada numa brecha na agenda apertada que é sua realidade desde aquele caos de que já falamos. "Pode mandar as perguntas, é claro! O problema é que estou nos EUA e viajo amanhã à tarde para o Brasil. Se você mandar imediatamente as perguntas posso responder antes de viajar. Se não, não sei se vai dar tempo & condições. Amanhã saio cedo do hotel e vai ser um baile de aeroporto", foi sua resposta ao nosso primeiro contato por e-mail. E fomos, é óbvio, imediatos.

"Esse foi o romance de produção mais fragmentária que jamais escrevi. Na verdade, ele nasceu de

compromisso e outro. "Só na virada desse ano, de dezembro a março, consegui trabalhar mais continuamente com ele. Ainda mexi bastante até mandar para a editora. Espero que no ano que vem eu consiga um bom sossego para prosseguir meus projetos com mais tranquilidade", idealiza, querendo se livrar do caos que virou sua sina.

Um erro emocional é um falso simplificador de mundos: um livro sobre amor, em que os problemas são dispostos com todas as cartas sobre a mesa. Tezza procura problemas (o maior deles: como superar a eternidade de **O filho eterno**?) num livro superficialmente menor, mas com conteúdo de altíssimo impacto.

"O tema é ao mesmo tempo

so.

"O título tem um toque irônico, o paradoxo de entender a paixão como um erro das emoções — acho que o personagem Paulo Donetti pensou ironicamente, ou em fazer uma brincadeira com Beatriz ao se declarar. Mas o peso da confissão como que toma conta dele e ele não consegue ir adiante. De certa forma, o livro começa pelo fim, entrega a chave logo no primeiro parágrafo. O problema é que isso cria uma expectativa instantânea para os próprios personagens — e, espero, para o leitor que acompanha a viagem."

Sim, Tezza, continuaremos acompanhando a viagem, sobretudo agora que ela ficou ainda mais caótica, como você parece ter aprendido a gostar.

Erros nunca são solitários

Suspire aliviado: você nunca erra sozinho. Para o jogo ter prosseguimento, são necessários dois jogadores. Um deles aperta o sinal verde do **start**, o outro aceita se quiser, mas negar não é ignorar, é bem pior que isso — é lançar seu movimento no tabuleiro.

“Cometi um erro emocional, Beatriz se imaginou contando à amiga dois dias depois — foi o que ele disse assim que abri a porta, o tom de voz neutro, alguém que parecia falar de uma avaliação da Bolsa, avançando sem me olhar como se já conhecesse o apartamento, dando dois, três, quatro passos até a pequena mesa adiante em que esbarrou por acaso, depositando ali o vinho com a mão direita e a pasta de textos com a esquerda (e ela se viu desarmada no meio de três sinais contraditórios, o erro, o vinho, o texto, mais a espécie de invasão de alguém que está à vontade — o que ela havia sonhado, Beatriz teria de

confessar à amiga, e ambas achariam graça da ideia — à vontade, mas não do modo correto) (...) — Eu me apaixonei por você.” — Tem assim início, de forma vertiginosa, **Um erro emocional** (Editora Record, R\$ 35), esfregando na nossa cara o desejo de Tezza em problematizar o amor. Sim, essa é sua educação sentimental. Ainda que seja (deliberadamente) errática.

O novo romance radicaliza os experimentos de linguagem que Tezza vem lançando mão em seus últimos livros. Se **O filho eterno** borra-va os gêneros literários e nos desafiava, olhando de cima, sobre o que é realidade e ficção, **Um erro emocional** consegue ir além: ao mistu-

rar tempos, diálogos e até seus protagonistas num só (ainda que eles nem queiram ficar assim tão próximos), Tezza lembra que reescrever o banal e inverter a ordem dos fatores (a constatação do problema se antecipando à sua existência) são algumas das lições válidas (As li-

ções válidas) para a literatura contemporânea. Mas chegar a elas não é fácil. É preciso o domínio de um Tezza para saber que o “Eu me apaixonei por você”

Tezza radicaliza a linguagem que vem lançando em seus últimos livros

está longe de ser um fim em si mesmo e para nos dizer que “o desejo é o primeiro passo para a mudança do quadro mental na vida” como se fosse a primeira vez que ouvimos algo parecido. Em resumo: como o caos fez bem a esse homem! (S.C.)